



**DANÇA, CAPOEIRA E INTERSECCIONALIDADE: RELATOS
AUTOETNOGRÁFICOS E DESAFIOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS**

**DANZA, CAPOEIRA E INTERSECCIONALIDAD: INFORMES
AUTOETNOGRÁFICOS Y DESAFÍOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS**

**DANCE, CAPOEIRA AND INTERSECTIONALITY:
AUTOETHNOGRAPHIC REPORTS AND POLITICAL-PEDAGOGICAL
CHALLENGES**

Vitor Hugo Marani¹

Ábia Lima de França²

RESUMO

A pesquisa buscou refletir acerca de experiências autoetnográficas em dança e capoeira, a fim de explicitar desafios político-pedagógicos do pensamento interseccional nessas manifestações corporais. A partir da abordagem autoetnográfica, lembramos a nossa implicação com a dança, no primeiro tópico, com a capoeira, no segundo tópico, e realizamos um exercício autorreflexivo interseccional das nossas experiências na dança e capoeira, atravessadas pelas categorias contextuais, políticas e pedagógicas dos Estudos Culturais Físicos (ECF). Por fim, compreendemos que a interseccionalidade é um instrumento analítico importante para auxiliar na análise das experiências de dançarinos/as e capoeiristas à luz das categorias políticas, pedagógicas e contextuais dos ECF. Nossos relatos reflexivos, atentos às complexidades das experiências corporais e identitárias, buscaram problematizar as estruturas de poder no interior da cultura física, especificamente, na/da dança e capoeira.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. Gênero. Raça. Corpo.

RESUMEN

La investigación buscó reflexionar sobre experiencias autoetnográficas en danza y capoeira, con el fin de explicar los desafíos político-pedagógicos del pensamiento interseccional en estas manifestaciones corporales. A partir de un enfoque autoetnográfico, recordamos nuestra implicación con la danza, en el primer tema, con la capoeira, en el segundo, y realizamos un ejercicio autorreflexivo interseccional de nuestras experiencias en la danza y la capoeira, atravesado por lo contextual, político y pedagógico. categorías de Estudios Culturales Físicos (ECF). Finalmente, entendemos que la interseccionalidad es un instrumento analítico importante para ayudar a analizar

¹ Doutor em Educação Física. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

² Doutora em Educação e Contemporaneidade. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

las experiencias de bailarines y capoeiristas a la luz de las categorías políticas, pedagógicas y contextuales de la ECF. Nuestros informes reflexivos, atentos a las complejidades de las experiencias corporales y de identidad, buscaron problematizar las estructuras de poder dentro de la cultura física, específicamente, en/de la danza y la capoeira.

PALABRAS-CLAVE: Interseccionalidad. Género. Carrera. Cuerpo.

ABSTRACT

The research sought to reflect on autoethnographic experiences in dance and capoeira, in order to explain political-pedagogical challenges of intersectional thinking in these bodily manifestations. Using an autoethnographic approach, we recall our involvement with dance, in the first topic, with capoeira, in the second topic, and carry out an intersectional self-reflexive exercise of our experiences in dance and capoeira, crossed by the contextual, political and pedagogical categories of Studies Cultural Physical (ECF). Finally, we understand that intersectionality is an important analytical instrument to assist in analyzing the experiences of dancers and capoeiristas in light of the political, pedagogical and contextual categories of the ECF. Our reflective reports, attentive to the complexities of bodily and identity experiences, sought to problematize the power structures within physical culture, specifically, in/of dance and capoeira.

KEYWORDS: Intersectionality. Gender. Race. Body.

Introdução

Este artigo busca explorar relatos autoetnográficos na dança e na capoeira a partir das complexas relações de interseccionalidade nesses tempos-espacos, acenando para possibilidades político-pedagógicas e investigativas que emergem desse panorama. A escolha pela incursão junto a essas práticas corporais - dança e capoeira - é fruto de nossas experiências pessoais, formativas e profissionais nessas expressões culturais, bem como por visualizarmos possibilidades de diálogo acerca dos processos de negociações de identidade, poder e resistência. Ainda, nossa implicação no campo teórico-metodológico ocorre a partir do entendimento de que elas são atravessadas por elementos sociais, políticos e econômicos, para além dos movimentos do corpo; logo, são acontecimentos de disputas culturais (HALL, 2016). Estas práticas permitem a expressão das experiências pessoais e coletivas e são (in)formadas por questões de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras. No entanto, a interseccionalidade na dança e na capoeira permanece relativamente subexplorada, na literatura acadêmica brasileira.

Para este exercício, elaboramos escritas que consideraram nossas identidades - como política autoral - a partir de nossas posições sujeitos como homem gay, dançarino,

nascido no início da década de 1990, no sul do país; e, uma mulher heterossexual, mãe, capoeirista, nascida no final da década de 1980, no nordeste brasileiro; ambos cisgêneros, brancos, sem deficiência, de classe média, professores e pesquisadores que vivem em realidades regionais distintas. Unidos pelo compromisso social de uma educação dialógica, conscientizadora e libertadora que promova a mudança e a justiça social apoiada nos pilares de Paulo Freire (FREIRE, 1982; 1992; 2003). Nesse sentido, caminhamos numa direção conjunta, baseada em reflexões que atravessam questões de gênero, raça/etnia, sexualidade e classe social em contextos produzidos na educação física e para além dela. Ao fazermos isso, investimos em formas investigativas permeadas pela presunção política e pedagógica no interior da dança e da capoeira, notadamente, a partir do contato com os Estudos Culturais Físicos (ANDREWS, 2008; ANDREWS; SILK, 2011; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017; THORPE; MARFELL, 2019).

Os Estudos Culturais Físicos (ECF) - denominado originalmente de *Physical Cultural Studies* (PCS) - emergem como ramificação dos Estudos Culturais, no interior dos embates da Cinesiologia na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos nas últimas décadas (LARA *et al.*, 2019). Os ECF buscam compreender as relações de poder no interior da cultura física, por intermédio das análises contextuais atravessadas pelos marcadores sociais da diferença como: raça/etnia, sexualidade, gênero, geração, nacionalidade, classe social, deficiência, dentre outros (MARANI, SÁ, LARA, 2021). Para tanto, transitam entre diferentes temas da cultura do corpo, de modo transdisciplinar, qualitativo e empírico, para identificar, analisar e, potencialmente, intervir em locais de desigualdade e injustiça social (VERTINSKY; WEEDON, 2017; PRINGLE; THORPE, 2017; OLIVE, 2017; SILK; MAYOH, 2017).

Desse entendimento dos ECF, reconhecemos na referida abordagem possibilidades do exercício interseccional, dado o entendimento de que os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, pois estão sempre articulados na experiência humana (ZAMBONI, 2014). Como efeito desse olhar, não é incomum observar produções que, no interior dos ECF, acenam para as possibilidades interseccionais para a compreensão das complexas relações do esporte, da atividade física, do lazer, entre outras (ESMONDE; JETTE, 2018; HAYHURST; CENTENO, 2019; OLIVE, 2017; ROBERTS *et al.*, 2019; THORPE; MARFELL, 2019; ARAÚJO; SOUZA; MARANI, 2022). Logo, nota-se a perspectiva interseccional no interior dos ECF para impedir “aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais

posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos” (AKOTIRENE, 2019, p. 28).

O termo interseccionalidade, cunhado por um grupo de estudiosas feministas negras nos Estados Unidos, pode ser considerado um conceito e uma abordagem que busca analisar as várias realidades existentes entre os grupos sociais que foram historicamente excluídos (CRENSHAW, 2002). Pacheco e Nogueira (2016) acrescentam que o conceito ‘interseccional’ tem sido uma saída epistemológica adotada por teóricas feministas para resolver impasses teóricos nas Ciências Sociais e Humanas e nos estudos de gênero, no que tange ao dilema da diferença e da igualdade. A interseccionalidade atribui instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do capitalismo, racismo e cisheteropatriarcado, uma vez que são produtores dos atravessamentos nas avenidas identitárias de gênero, raça e classe (AKOTIRENE, 2019). Para Crenshaw (2002, p. 177), “[...] o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

Compreendemos que nossos corpos (de investigadores) como elementos integrantes do ato de investigação são culturais e a cultura incorporada é política (NEWMAN; GIARDINA; MCLEOD, 2017). O corpo é tido como um vetor do processo de análise, “sendo recrutado no engajamento crítico da realidade social com vistas à produção de efeitos que contestam as relações de poder” (MARANI, 2021, p. 19-20). A partir dessa perspectiva, reconhecemos que as identidades de gênero, raça/etnia, sexualidade, classe social se entrelaçam nos cenários corpóreos e impactam as experiências humanas.

O problema central abordado nesta pesquisa é a carência de investigações aprofundadas sobre a interseccionalidade na dança e capoeira, e como essa falta de conhecimento afeta a compreensão das experiências de dançarinos/as e capoeiristas. Estudos existentes – inclusive, nossos estudos – tendem a analisar cada dimensão de identidade separadamente, muitas vezes negligenciando as complexas interações entre gênero, raça, classe, sexualidade e outros marcadores sociais de diferença. Essa carência de pesquisa sobre a interseccionalidade na dança e na capoeira pode resultar em práticas e ambientes que perpetuam desigualdades e injustiças sociais. Ao não considerar como esses marcadores sociais de diferença se entrelaçam nas experiências das pessoas, as políticas e abordagens pedagógicas podem não atender às necessidades das diferenças sociais.

Procedimentos Metodológicos

Metodologicamente, somos orientados pela pesquisa de abordagem autoetnográfica³ (SPRY, 2001), de natureza qualitativa, para refletir acerca de experiências biográficas em dança e capoeira, a fim de explicitar desafios político-pedagógicos do pensamento interseccional nessas manifestações corporais. Essas pesquisas são “engajadas com a ideia de que há o (re)conhecimento do poder da função autoral” (MARANI, 2019, p. 38). Nesse sentido, na pesquisa autonarrativa emergem as histórias de vida, um aprofundamento de si, que colaboram para a ressignificação das próprias experiências e para a construção histórica da realidade. Abrahão (2003) aponta que trabalhar com narrativas não é só recolher objetos ou condutas diferentes em contextos narrativos distintos, mas participar da elaboração de uma memória em que se quer transmitir algo a partir da demanda do/a investigador/a.

Logo, investigamos dança e capoeira como um domínio de diálogo propício para uma abordagem colaborativa e teoricamente fundamentada, seguindo as contribuições de Thorpe, Barbour e Bruce (2011), revisando como diversas experiências impactaram nossas identidades na educação física. Ao tomarmos esse caminho, buscamos articular reflexões que permitam ao/à leitor/a acessar as maneiras pelas quais nossas posições na dança e na capoeira foram moldadas por meio das experiências que fundamentam nossos relatos. As narrativas resultantes desse esforço conjunto e colaborativo - a medida que a leitura e o diálogo fizeram-se presentes a partir de sugestões, questionamentos e reflexões - nos possibilitaram

Inspirados nos caminhos metodológicos traçados pelos Estudos Culturais Físicos, buscamos oferecer elementos que contribuam para a elaboração de relatos autobiográficos baseados nas nossas experiências em dança e capoeira, a partir das perspectivas interseccionais. Após, conduzimos reflexões que nos auxiliam a construir maneiras pelas quais os Estudos Culturais Físicos podem enriquecer os debates em nossas paisagens educacionais, especialmente no contexto da dança e da capoeira. Como resultado, subdividimos a nossa análise em três tópicos: na primeira seção, foi feita uma

³ Em relação às questões éticas, por se tratar de pesquisa autoetnográfica em que se baseia nas nossas experiências e escritas na dança e na capoeira, não foi requerido o registro ou aprovação em um Comitê de Ética em Pesquisa. Diante disso, a produção acadêmica está em consonância com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

nota autoetnográfica interseccional no contexto da dança, construída a partir do relato do primeiro autor; na segunda, uma nota interseccional revisitando episódios de inserção e permanência na capoeira, a partir das experiências da segunda autora; e por fim, realizamos um exercício autorreflexivo das nossas experiências corporais, na dança e capoeira, atravessadas por categorias contextuais, políticas e pedagógicas dos Estudos Culturais Físicos, de modo a tensionar as possibilidades interseccionais no trato desses conhecimentos.

Longe de ser um percurso único e finalizado, como também não são nossas gestualidades na dança e na capoeira, produzimos tais reflexões a partir de deslocamentos na educação e na educação física, geradas a partir do exercício de poder social que operamos em nossos contextos. Logo, a pesquisa procura preencher uma lacuna importante na literatura acadêmica, fornecendo esforços de definição para futuras investigações sobre interseccionalidade no território da cultura do corpo. Ao fazermos isso, buscamos, de igual modo, (re)visitar nossas próprias formas de pesquisar e intervir na educação física e nas distintas expressões do corpo humano, (re)imaginando abordagens analíticas para a criação de espaços apoiados no senso de justiça social.

Nota autoetnográfica I: interseccionalidade na dança

Embora o Brasil seja (re)conhecido - tanto nacional quanto internacionalmente - como um país dançante, repleto de aspectos socioculturais que provoquem gestualidades na dança, esse discurso não opera da mesma forma para todos os corpos. Há uma ordem do discurso, seguindo as perspectivas foucaultianas (FOUCAULT, 1996), que produz sujeitos na dança, seja no sentido da interdição ou da autorização. Obviamente, não há elementos originários, leia-se, naturais, dessa produção; ao contrário, essa ordem do discurso na dança é atravessado por aspectos sociais, culturais, políticos e históricos que incitam modos particulares no que diz respeito às experiências, representações e subjetividades de distintos sujeitos nessa expressão corporal (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Como pesquisador da educação física (EF), especificamente, da área da dança, minha trajetória investigativa foi construída a partir de concepções culturais do corpo, baseadas nas contribuições da Antropologia Social de Clifford Geertz e de Marcel Mauss, em diálogo com as produções de Jocimar Daolio (DAOLIO, 1995). Tais referenciais, num primeiro momento, deslocaram olhares que, ao longo da minha vida como dançarino,

foram sendo produzidos a partir de um viés natural e, certamente, aliado ao destino biológico. Como exemplo, a própria construção da noção de “par” nas Danças de Salão - tempo-espaço que me fiz como dançarino - construída repetidamente a partir da ideia binária de gênero: um homem e uma mulher. Cabe observar que esse par binário não era livre de intenções; ao contrário, materializam corpos imbuídos pela lógica da sedução e do desejo atravessado pela heteronormatividade (BUTLER, 2018).

Atravessado pela norma heteronormativa, atuei como “agente” dessa perspectiva, reforçando-a em aulas, em apresentações e em outros espaços, como se outras existências não fossem permitidas, ou, até mesmo, possíveis no interior das produções da Dança de Salão. Lembro-me que a anuência da dança com outros homens do grupo só era realizada em experiências pedagógicas, para que a referida experiência aprimorasse o nosso contato com os corpos femininos, de modo a aprender como desenvolver a condução na dança. Além disso, também me recordo dos bailes organizados, em que a dança ocupava posição de destaque nos festejos da escola: nesses momentos, o dançar entre meninos também era permitido, desde que o elemento cômico fizesse parte do acontecimento. Esse fato contribuiu para o reforço das normas, colocando como menos valorativa a experiência de corpos masculinos juntos na dança de salão.

A ruptura dessas experiências (ao menos no campo teórico-reflexivo), sob luz dos estudos de gênero e de sexualidade, foi um processo. Inicialmente, foi gerado pelo desvelar cultural do corpo, a partir da formação em educação física numa universidade pública no interior do Paraná, permeada pela participação em grupo de pesquisa cujo foco era o debate das abordagens socioculturais do corpo na EF. Essas experiências formativas e de pesquisa passaram a conduzir inúmeras interrogações acerca de minhas vivências dançantes, as quais ocuparam posição de destaque durante a trajetória da pós-graduação em EF, especialmente, no processo de doutoramento. Foi a partir da intensificação dos estudos e da descoberta dos estudos de gênero e sexualidade que passei a questionar elementos identitários emergentes no campo da dança.

Passei, a partir desse período, a identificar os distintos marcadores sociais de diferenças que me “fazem” como sujeito (BUTLER, 2017), e que acionam minhas experiências e subjetividades na dança. Reconheci como meu corpo - homem, branco, gay, sem deficiência, de classe média alta, entre outras marcações - era produzido socialmente e como essas múltiplas identidades eram negociadas no meu acesso e, de igual modo, em minha permanência na dança. Nesse movimento, rememorei episódios

no campo gestual da dança e como estruturas machistas e homofóbicas atravessaram minha infância e adolescência (mas, não somente), durante o período escolar.

Os festivais culturais organizados pela escola, em que a dança ocupava posição de destaque, foram as primeiras manifestações dançantes que pude experimentar. A partir dessa estrutura, o convite ao corpo - tanto masculino, quanto feminino - era realizado de modo a (re)imaginar possibilidades “outras” de acesso à cultura brasileira. No ensino fundamental e, posteriormente, no ensino médio, tais festivais foram cruciais para que eu reconhecesse os desenhos iniciais que a dança construiria em minha vida. Inicialmente, esses desenhos foram construídos a partir da minha condição como dançarino de grupos de dança na minha cidade natal e, depois, a partir da escolha pelo curso de EF, que me levou ao exercício profissional no ensino superior.

Esses desenhos na dança, embora remontam às experiências estéticas fundamentais, não foram desprovidos de negociações de gênero e de sexualidade. Essas negociações eram construídas a partir de conflitos que emergiram no campo esportivo, dada minha condição como filho de um ex-jogador e treinador de alto rendimento de futsal, modalidade bastante associada à ideia de masculinidade, no sentido “natural” da palavra. Enquanto muitos meninos se distanciaram da dança, eu a abracei, o que resultou em "problemas de gênero", utilizando a expressão de Judith Butler. Eu era frequentemente alvo de piadas e questionamentos dos meus colegas de escola, que viam a dança como algo incompatível com a masculinidade “tradicional” associada aos meninos no contexto brasileiro.

Minha trajetória acadêmica culminou na escrita da minha tese de doutorado, intitulada "Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?". Nesse processo, comecei a perceber que a dança era uma ferramenta poderosa para interrogar as normas de gênero e sexualidade, mas também percebi que uma abordagem centrada apenas nesses aspectos era limitada. Isso porque, durante as entrevistas realizadas para a tese de doutorado, percebi que os corpos investigados, para além de sua produção discursiva como sujeitos homens e gays, havia outras identidades atravessadas e que, de modo entrelaçado, contribuíam para a experiência em dança de uma forma (e, não de outra). Além de se reconhecerem como homens e gays, os entrevistados também narravam suas experiências a partir de outros “lugares de fala”, como informa Ribeiro (2017). Eram brancos ou negros, seus corpos eram materializados a partir de certos formatos, ocupavam territórios brasileiros distintos, haviam estudado em escolas públicas ou privadas.

Dito de outra forma, esses outros marcadores sociais, de modo cruzado, construíam experiências na dança, para além da identidade de gênero e sexualidade que performavam, no sentido butleriano, em suas vidas cotidianas. Embora essa afirmação faça sentido e ocupe posição de destaque em minha compreensão como pesquisador na atualidade, durante a escrita da tese, o olhar sobre essa totalidade identitária ainda não se fazia presente, ao menos de forma textual. Mesmo com outras experiências formativas, a partir de uma epistemologia voltada aos marcadores sociais de diferença e as relações de poder que operam no corpo e na cultura física, essa densidade analítica não se tornou evidente no material final. Essa experiência ocorreu com a oportunidade de estudos na *University of Maryland*, nos Estados Unidos, com ingresso no Grupo de Pesquisa *Physical Cultural Studies*, em que entrei em contato com os Estudos Culturais Físicos e reconheci oportunidades de análise de distintos corpos, e como estes (re)produzem e contestam experiências, subjetividades e representações no campo da cultura. Isso me levou a entender como essas questões produzem desigualdades e injustiças sociais que precisam ser abordadas na EF.

Passada a conclusão da tese de doutorado e o retorno ao ensino superior brasileiro, percebi que meu olhar inicialmente focado apenas em gênero e sexualidade era insuficiente para uma intervenção socialmente engajada, com vistas à produção do senso de justiça social (FREIRE, 2003). Para abordar essas questões de forma mais complexa, passei a considerar atravessamentos mais amplos, como raça, classe e deficiência. Logo, a proposição interseccional se tornou uma lente fundamental para compreender a complexidade das experiências de sujeitos na dança e em outras manifestações da cultura corporal.

Ao olhar para a dança através das lentes da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021), passei a buscar compreender que a experiência de dançar transcende o mero ato físico. Ao reconhecer a interseccionalidade na dança, seguindo as contribuições de Collins e Bilge (2021), não podemos ignorar as desigualdades e injustiças sociais que surgem das complexas interações de fatores, como gênero, raça, classe e sexualidade. Por exemplo, as expectativas de gênero, de raça e de classe muitas vezes impactam como os homens e mulheres, pessoas negras e trabalhadores/as devem dançar, limitando a liberdade de acesso na dança. Como efeito, corpos que desafiam tais “expectativas” experienciam modos desiguais de exercício de poder e, com isso, por vezes, são marginalizados e excluídos de tempos-espacos dançantes.

Como pesquisadores/as, temos a responsabilidade de construir elementos para uma intervenção que problematize tais contextos. Isso significa não apenas documentar as desigualdades, mas também buscar alternativas para promover o reconhecimento dessas desigualdades perante diversos grupos que dançam. A interseccionalidade na dança nos ensina que a diversidade de identidades e experiências é uma força a ser celebrada, não uma fonte de divisão. Ao abraçar a complexidade das interseções de identidade na dança, podemos promover a inclusão, o reconhecimento das diferenças e a busca por justiça social. Por fim, a perspectiva interseccional na dança pode ser um convite à reflexão de que a dança não é apenas sobre movimentos estéticos, mas também sobre movimentos sociais rumo a uma sociedade justa.

Nota autoetnográfica II: desafios e aproximações interseccionais na capoeira

O meu contato com a capoeira surgiu em 2006, quando eu cursava o terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas em Salvador-BA. Fui convidada por uma amiga chamada Tailla para observar uma aula de capoeira do Grupo Porto da Barra, conduzida pelo professor Porco Espinho, no noturno. Foi uma experiência singular realizar a minha primeira ginga, aprender alguns golpes de capoeira, perceber a sintonia entre os instrumentos (um berimbau e dois pandeiros), ouvir o hino da Capoeira Regional ser tocado pelo professor. Passei a fazer parte do grupo por alguns meses, em seguida, tive experiências com a capoeira no Grupo Carvalho de Moré, Associação de Capoeira Toques de Berimbaus, Nação Capoeira e Associação Cultural Arte Baiana. Ao som dos berimbaus, pandeiros e atabaques, ia aprendendo a ginga, os movimentos de ataque e defesa, as cantigas e o ritual em cada espaço de capoeira que frequentava em Salvador-BA.

Antigamente, não refletia sobre a supremacia dos homens, sobretudo brancos, nos diversos lugares de prestígio, nem acerca das categorias de raça, classe social, sexualidade, dentre outras. Foi somente ao cursar Capoeira I, em 2010, com a professora e mestra Amélia Conrado, no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que pude me atentar para as questões de gênero, raça/etnia e classe social, compreender que a capoeira é uma arma poderosa tanto de ataque como de defesa, e a expansão no mundo se deu a partir das lutas e resistências (CONRADO, 2006, p. 140).

Vale ressaltar que a capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira, símbolo de resistência negra, constituída de aspectos identitários, lúdicos, artísticos, educativos, éticos, musicais, estéticos, técnicos, históricos, políticos, sociais, dentre outros. França (2018, p. 24), em sua dissertação de mestrado, diz que a capoeira “pode ser definida como arte, malandragem, movimento libertário que envolve corpo e jogo, ancestralidade e oralidade”. Essa arte foi duramente perseguida, criminalizada e reprimida pelo Estado Brasileiro por quase meio século, porém, “demonstrou a sua capacidade de resistir e de se reinventar para se afirmar socialmente e, a partir da década de 1970, se espriar por todo o mundo como uma exuberante prática corporal” (FALCÃO, 2018, p. 75).

No contexto da capoeira, ao longo da história, existiram conflitos de gênero, raça e classe social, interseccionalmente, como elementos catalisadores da produção de sobrevivências, simbólicas e físicas (FIALHO, 2019). Para Araújo (2016, p. 371), as disputas entre as representações de gêneros, articuladas com os debates sobre raça, etnia e diversidade sexual, apontam “novas dimensões discursivas aos estabelecimentos de práticas segregadas, decisivas nas reestruturações das relações de poder em meio à economia da capoeira, emergirem cada vez mais vigorosas”. Dessa forma, não discutir nessa perspectiva, é desconsiderar as distintas lutas e (re)existências, contribuindo assim para o apagamento de sujeitos históricos plurais e o epistemicídio.

Notei que ao longo dos 17 anos de capoeira, as rodas eram sempre conduzidas por homens, que, na maioria das vezes, tocavam, cantavam e jogavam. O momento reservado para as mulheres jogarem, geralmente, era avisado pelo mestre ou professor, que falava: “agora é só as mulheres”, e assim entoava-se a cantiga ‘só joga mulher, mulher com mulher’. Esse jogo era bem rápido, às vezes não durava nem cinco minutos para todas as mulheres terem a oportunidade de jogar. Ao encerrar a música, os homens continuavam jogando, tocando berimbau, na maior parte do tempo; e as mulheres, observando, batendo palmas ou tocando pandeiros, ou ataques (instrumentos secundários). Sobre isso, Zonzon (2015) comenta sobre a necessidade da mulher de brigar para cantar uma ladainha ou para tocar o berimbau gunga, a lutar em vão para alcançar seu espaço no mesmo lugar de “macho”.

Tais reflexões foram importantes para a escrita do capítulo “O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática” na dissertação de mestrado, o qual evidenciou que as mulheres carecem brigar pelo gunga, muitas vezes não conseguem puxar o canto, jogam menos vezes nas rodas de capoeira; às vezes são expostas a situações de humilhações de caráter sexual, são machucadas por homens na

aplicação de golpes fortes (FRANÇA, 2018), bagunçam seus cabelos, pisam na perna, tomam golpes na cabeça, são carregadas no colo, recebem beijos no pescoço (FRANÇA; SANTOS, 2022), escutam cantigas que estimulam preconceitos e violências contra as mulheres, dentre outras.

A referida dissertação em questão deixou evidente a pouca visibilidade da temática nas dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas na UFBA e Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Inquietou-me de tal forma que a partir de 2018, tenho buscado escrever mais sobre a temática, propor atividades formativas, participei de coletivos de mulheres na capoeira em Salvador-BA como Rasteira Feminina, Maria Felipa, e atualmente faço parte do Movimento Karapaça⁴, dentre outros.

Em 2018, organizei e mediei uma mesa temática intitulada “Mulher na roda:(in)visibilidade, protagonismo e luta” com as convidadas: Priscila Silveira, Adriana Dias (Pimentinha) e Professora Índia (hoje Contramestra Índia) na Faculdade Maurício de Nassau. A referida mesa debateu sobre as mulheres na capoeira, numa perspectiva interseccional, a partir das vivências das capoeiristas e dos estudos científicos. A partir dessa mesa, despertou-me a necessidade de incorporar questões étnico-raciais nas minhas pesquisas, uma vez que a cristalização binária de gênero sem a perspectiva interseccional de raça, por exemplo, negligencia dados importantes e contribui para a reprodução de valores hegemônicos colonialistas e patriarcais (FIALHO, 2019).

Ao adentrar no doutorado, as questões de gênero, raça e classe foram latentes na escrita acadêmica e na minha atuação, enquanto mãe e professora da rede municipal de Salvador. Organizei uma live, em parceria com Elis Souza, intitulada “Educação, maternidade e capoeira na roda: experiências e reflexões em jogo” no dia 13 de agosto de 2021. Participei como palestrante junto a Mestra Nzinga, Soulange Couto e Rita Eloá, sob mediação de Elis Souza. Discutiu-se sobre os mitos e as controvérsias em torno do período gestacional, os preconceitos e as resistências que as mães enfrentam na capoeira, os relatos de apoio às mães e aos/as filhos/as em grupos de capoeira na Bahia, sob uma ótica interseccional. Essa *live* foi resultado da escrita do artigo científico “mulher, mãe e capoeira: interseccionalidades em jogo na Bahia”, escrito por mim e Elis Souza dos

⁴ Coletivo feminista composto por mulheres de diversos grupos de capoeira unidas no ativismo antirracista, na luta contra machismo e violências contra as mulheres, a LGBTQIAPN+ fobia, a gordofobia e outras formas de preconceitos reproduzidos na capoeira. O Movimento Karapaça é composto pelas seguintes capoeiristas: Mestra Princesa, Mestra Patricia, Mestra Volta Grande, Mestra Nani de João Pequeno, Contramestra Tartaruga, Professora Negona, Professora Mulhehome, Professora Odara, Professora Gandaia, Formada Esquiva, Formada Seca, Formada Fofa e aluna Ábia.

Santos, publicado em 2022. Buscamos identificar as experiências de mães capoeiristas que residem no estado da Bahia. As 14 participantes da pesquisa, em sua maioria, disseram ter sofrido algum tipo de discriminação ou violência na capoeira, apontaram que existem inúmeros mitos, preconceitos, conflitos e especificidades do olhar sobre as mulheres grávidas e que são mães⁵ (FRANÇA; SANTOS, 2022).

Na minha tese de doutorado em Educação e Contemporaneidade pela UNEB, intitulada “Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira”, sob orientação do Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro, defendida em dezembro de 2021, pude notar que as mulheres negras, que são mestras de capoeira, relataram que o maior desafio em suas trajetórias formativas era a falta de reconhecimento, além dos atravessamentos meritocráticos, o silenciamento e a falta de representatividade de mulheres negras ocupando os espaços de liderança dentro da capoeira (FRANÇA, 2021).

Menezes e Araújo (2022) destacam no universo da capoeira as mulheres negras enfrentam distintas dificuldades sociais como: falta de condições de pagar a mensalidade, receio de jogar com homens por conta de violências, menor disponibilidade de atenção que as mulheres brancas, medo de retornar para casa à noite depois do treino, etc. Esses obstáculos que as mulheres negras enfrentam para estar nos espaços da capoeira, somado às opressões cotidianas dentro de uma sociedade machista e racista, dificultam suas trajetórias formativas e até o reconhecimento de mestras negras na capoeira. Além da falta de representatividade de mulheres negras liderando grupos, Menezes (2020, p. 64) ainda aponta a falta de representação da negritude na escrita histórica e social da capoeira, pois não se encontra pesquisas que tratem de gênero e raça nesse contexto, “quando é encontrado textos que trazem essas temáticas associadas não estão sendo postas de maneira concisa, a pauta racial”.

As categorias de gênero e raça são atravessadas pelas sexualidades e outros marcadores sociais da diferença, sendo construções sociais criadas e impostas que perpetuam uma forma capitalista de mundo (NAVARRO, 2022). Dessa forma, faz-se urgente a tomada de consciência política na capoeira e fora dela contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, que são estruturas de opressão e violência (FRANÇA, 2021). Destarte, entendo que é fundamental unificar os sistemas de opressão, como forma

⁵ Além da maternidade, Zimmermann, Medeiros e Barrizo (2017) destacam outros impeditivos para a presença das mulheres na capoeira como: dupla jornada de trabalho, atributos sociais ligados à família (FERREIRA, 2016; FRANÇA, 2021; SILVA, E., 2018; SOUZA, 2011; SOUZA; DEVIDE, 2011), o casamento, a violência contra a mulher que ocorre em diversos espaços, inclusive na capoeira (CAMÕES, 2019; FRANÇA, SANTOS; 2022).

de superação do feminismo hegemônico. O feminismo dentro da capoeira deve ser múltiplo, misto e dissidente, constituído a partir de diferentes vozes, corpos e territórios (NAVARRO, 2022). Nessa linha de pensamento, Araujo (2016; 2017) ressalta a necessidade de estudos interseccionais das categorias de raça, gênero e sexualidade, sobretudo situadas nos estudos sobre ancestralidade, corpo e pertencimento, para compreender a sua multidimensionalidade.

Nos últimos anos, tenho gingado numa perspectiva interseccional, reconhecendo meus privilégios, como mulher branca heterossexual, que não possui deficiência, e me inserindo nas lutas contra o machismo, o racismo, o capacitismo, a lgbtobia, o etarismo, dentre outras. Busco atuar nas rupturas do silêncio e das invisibilidades de temáticas emergentes que são lacunares teoricamente.

Interseccionalidades na dança e na capoeira: entre corpos, identidades e (re)existências

Neste tópico, exploramos a interseccionalidade no contexto da dança e da capoeira, relacionando-a às categorias contextuais, políticas e pedagógicas dos Estudos Culturais Físicos. Fazemos isso no intuito de construir relações férteis entre esse campo de estudos e a abordagem interseccional, dadas as contribuições de ambos para compreender como os marcadores sociais de diferença, como gênero, raça, classe e sexualidade, se entrelaçam e influenciam as experiências humanas. Nesse sentido, ao analisar a interseccionalidade nas expressões corporais iluminadas ao longo do texto, quais sejam: dança e capoeira, buscamos destacar como as políticas de identidade, os aspectos pedagógicos e os contextos socioculturais são espaços fundamentais na construção das experiências corporais, das identidades e das (re)existências dos sujeitos.

A categoria **contextual** dos Estudos Culturais Físicos se concentra nos impactos socioculturais e históricos que moldam a cultura física (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Ao aplicar a interseccionalidade a esse contexto, podemos entender como as experiências de dançarinos/as e praticantes de capoeira são moldadas por contextos socioculturais específicos. Por exemplo, no Brasil, a capoeira tem profundas raízes africanas e se apresenta como legítimo veículo propagador de sua cultura e seus valores (FALCÃO, 2004) sendo instrumento de luta contra a opressão racial, o que significa que a interseccionalidade nos ajuda a reconhecer esses contextos históricos e culturais,

desempenhando um papel significativo na compreensão das experiências e das identidades dos/as praticantes negros/as.

A partir da perspectiva contextual, atravessado pela interseccionalidade, os Estudos Culturais Físicos, seguindo as contribuições de Andrews e Silk (2015), oferecem uma abordagem que reconheça que as expressões culturais físicas não podem ser reduzidas a efeitos singulares ou simplistas de fatores sociais, econômicos, políticos ou tecnológicos. Logo, essa abordagem tem fundamentado nossa compreensão acerca da dança e da capoeira, que são expressões corporais enraizadas em contextos culturais específicos, moldadas por uma complexa teia de relações e interseções que incluem as categorias de gênero, raça e classe. Daí o mapeamento do contexto em que essas expressões culturais são estruturadas e experienciadas ser fundamental para desvendar as múltiplas estruturas que, a partir das contribuições de Giroux (2011), (in)formam suas dinâmicas.

A dança, como manifestação cultural, é frequentemente atravessada por questões de gênero e sexualidade (HANNA, 1999; RISNER, 2002a; 2002b; 2002c; 2004; 2005; 2007). Em muitas culturas, existem expectativas tradicionais sobre como homens e mulheres devem dançar, o que pode limitar a expressão de identidades de gênero e de sexualidade que não se conformam à heteronormatividade (BUTLER, 2018). Da mesma forma, e de modo complementar, tanto questões de classe podem afetar o acesso à dança, com aulas e performances muitas vezes sendo acessíveis apenas para aqueles/as que podem pagar, quanto questões raciais, ao permear as representações sociais de quais corpos podem ser (re)produzidos em determinadas expressões.

A capoeira, por sua vez, é uma expressão cultural física que emergiu no contexto da diáspora africana no Brasil e, portanto, está intrinsecamente ligada às narrativas históricas da resistência negra (ARAÚJO, 2019), o que acena para discussões férteis a respeito de questões raciais no cenário em que a capoeira se manifesta. Assim como a dança, a capoeira é impactada por questões de gênero, com diferenças nas expectativas de como homens e mulheres devem participar “da roda”. Tais discussões têm feito parte do debate acadêmico brasileiro, com inúmeras investigações que têm apontado para as narrativas de mulheres na capoeira (ARAÚJO; SOUZA; MARANI, 2022; BARBOSA, 2017; BEZERRA, 2014; CAMÕES, 2019; DANTAS, 2020; FERREIRA, 2016; FIRMINO, 2011; FIALHO, 2019; FRANÇA, 2021; JESUS, 2017; MARTINS *et al.*, 2021; PINHEIRO, 2018; REIS, 2018; SILVA, 2018; SILVA, 2019; SENA, 2016) em distintos contextos geográficos do Brasil. Além disso, as questões de classe também

desempenham um papel, com a capoeira sendo historicamente associada às comunidades mais marginalizadas, que eram (e são) menos favorecidas (PERKOV, 2012).

Ao considerar tanto a dança quanto a capoeira no interior da dimensão contextual dos Estudos Culturais Físicos, emergem questões interseccionais significativas. Por exemplo, as experiências de uma mulher negra na capoeira podem ser profundamente diferentes das de um homem branco na dança contemporânea. A interseccionalidade, como nos lembra Collins e Bilge (2021), convida ao diálogo analítico múltiplo, para além de produções teóricas isoladas; devemos considerar como os múltiplos fatores se entrelaçam para criar experiências únicas. Essas práticas culturais também são espaços, onde as desigualdades podem ser desafiadas e as (re)existências podem ocorrer. Mulheres e homens, negras e negros, pessoas de classes sociais marginalizadas têm reconhecido a dança e a capoeira como meios de (re)existências, “como algo extremamente importante para a reflexão sobre o amparo e o fortalecimento dos saberes tradicionais” (ARAÚJO, 2019, p. 558). Elas/eles têm desafiado as normas de gênero, raça e classe por meio de trajetórias corporais que destacam as identidades plurais e reforçam sua presença no movimento histórico e dialético das expressões em dança e na capoeira.

A categoria **política** dos Estudos Culturais Físicos nos permite analisar como as práticas de dança e capoeira são permeadas politicamente. A interseccionalidade, nesse contexto, revela como as identidades dos/as participantes dessas práticas são moldadas por políticas de identidade que influenciam na inserção, participação e representação. Por exemplo, sujeitos queer, negros/as e de classes sociais desfavorecidas podem enfrentar barreiras políticas que afetam sua participação na dança e na capoeira. Desse modo, Collins e Bilge (2021) nos ajudam a entender como essas políticas de identidade se sobrepõem e se entrelaçam para criar experiências únicas, que muitas vezes são complexas. Isso se conecta ao modo como os ECF atuam como prática intelectual que visa discernir a distribuição, as operações e os efeitos das relações de poder social (SILK; ANDREWS, 2011). A congregação de pesquisadores/as dos ECF adere a uma compreensão inequívoca de política, reconhecendo que as sociedades são fundamentalmente divididas em linhas ordenadas de diferenciação hierárquicas, incluindo classe, etnia, gênero, habilidade, geração, nacionalidade, raça e normas sexuais (THORPE; MARFELL, 2019).

Dessa dinâmica política, entendemos como dança e capoeira servem como locais de luta política, onde o poder social é manifesto, operacionalizado e, por vezes, contestado. A partir desses pontos de compreensão, buscamos (re)conhecer como os

marcadores sociais de diferença – em suas teias complexas e interseccionalizadas – se manifestam nas iniquidades socioculturais, injustiças, (des)vantagens, habilitações e restrições que permeiam a cultura física, tornando-a um espaço central para a análise das dinâmicas políticas e das lutas sociais. Na dança, por exemplo, movimentos contemporâneos desafiam estereótipos de masculinidade e feminilidade, (in)formando diferentes identidades de gênero (OLIVER; RISNER, 2017). Na capoeira, inúmeros estudos apontam para o modo como essa expressão serviu de aporte para, historicamente, materializar lutas de escravizados/as contra seus opressores (DA CUNHA, 2014; FALCÃO, 2004, FRANÇA, 2021), o que (re)afirma sua produção como forma de contestação política, luta por reparações, que perpassam as identidades de gênero, raça e classe social.

Nessa perspectiva, a dimensão política dos ECF nos lembra que a dança e a capoeira são espaços de interseccionalidades complexas. As experiências de mulheres negras na capoeira, por exemplo, são profundamente moldadas por múltiplas formas de opressão. No entanto, essas práticas também oferecem oportunidades de desafiar e contestar o poder social. Ao projetar a diversidade de identidades de gênero, raça e classe, a dança e a capoeira se tornam locais onde as hierarquias sociais são questionadas, nos quais novas formas de empoderamento e (re)existência emergem. Assim, ao compreendermos esses territórios – dança e capoeira – como espaços de problemas políticos, intentamos contribuir para a mudança social progressiva, (re)construindo locais de possíveis visualizações das relações de poder junto aqueles/as que historicamente foram marginalizados/as, o que favorece – mas, não garante – o desafio às estruturas de poder que perpetuam as desigualdades.

A preocupação acima, no trato dos marcadores sociais de diferença, sinaliza a dimensão **pedagógica** dos Estudos Culturais Físicos, dada a abordagem, segundo Silk, Andrews e Thorpe (2017), representar uma forma de pedagogia pública comprometida em impactar as comunidades de aprendizagem na sala de aula e em públicos mais amplos. Este compromisso pedagógico se estende para além do ensino tradicional e abrange uma variedade de estratégias, o que inclui o ensino formal e não formal da dança e da capoeira, por exemplo. Os/as estudiosos/as dos ECF usam os produtos de suas pesquisas para a circulação de conhecimento, com o objetivo de socializar saberes com comunidades mais amplas.

Sob o viés da interseccionalidade, podemos examinar como as abordagens pedagógicas são impactadas pelas identidades de professores/as e de alunas/os. Por

exemplo, um instrutor que incorpora uma perspectiva interseccional em sua pedagogia pode criar um ambiente mais inclusivo, reconhecendo as diferentes experiências de seus/as alunos/as com base nas questões de gênero, raça, sexualidade e classe. Isso pode permitir que alunos/as se sintam valorizados/as e empoderados/as em suas práticas. Os/as praticantes e pesquisadores/as devem estar atentos/as às maneiras como gênero, raça, classe e outras identidades se entrelaçam e afetam suas experiências e perspectivas. Isso requer reflexão constante sobre como suas próprias subjetividades morais e políticas impactam nas práticas pedagógicas e nas produções acadêmicas.

A dança, como manifestação cultural física, desempenha um papel crucial na educação e na conscientização. Por meio da dança, por exemplo, sujeitos podem explorar questões complexas de gênero, identidade, raça e classe de uma forma acessível e envolvente. A partir desse movimento, é possível criar possibilidades que se inspirem na dança – e no seu trato pedagógico – como ferramenta para ajudar estudantes, seguindo as orientações de Silk, Andrews e Thorpe (2017), a discernir, desafiar e transformar estruturas e relações de poder. Tematizada por esse caminho, a dança pode permitir que aprendizes experienciem e compreendam as complexidades das identidades e das opressões de uma forma que vai além das palavras, por meio de processos centrados no/pelo corpo (MARANI, 2021). Dito de outro modo, por meio da dança, é possível facilitar discussões críticas que ajudam estudantes a compreender como essas intersecções de gênero, classe e raça afetam as experiências das pessoas.

A capoeira, historicamente enraizada na resistência negra no Brasil, é um exemplo de como uma prática cultural física pode ser um instrumento de educação, conscientização, luta, transformação social e empoderamento. Através da capoeira, os/as praticantes aprendem sobre a história da diáspora africana e as lutas pela liberdade. Os movimentos da capoeira além de serem técnicas corporais, contribuem na transmissão de valores sociais como: respeito, disciplina, solidariedade e igualdade; e na propagação de valores civilizatórios afro-brasileiros como: musicalidade, ancestralidade, oralidade, memória, ludicidade, religiosidade, dentre outros (FRANÇA, 2018). Nesse sentido, o ensino e a fruição na capoeira podem servir de aporte para capacitar comunidades marginalizadas, ensinando não apenas elementos técnicos, mas o contexto histórico, cultural, social e político complexo que emerge na/na roda.

A dimensão pedagógica dos Estudos Culturais Físicos nos reforça o olhar acerca da capacidade transformadora da dança e da capoeira como ferramentas de educação, conscientização e empoderamento. Ao transitar por esse ideal, somado às materialidades

pedagógicas, almejamos contribuir para uma educação crítica, que promova uma compreensão profunda das complexidades das identidades e das opressões que moldam a sociedade. Sob esse viés, entendemos a interseccionalidade como instrumento analítico poderoso para explorar as experiências de dançarinos/as e praticantes de capoeira à luz das categorias políticas, pedagógicas e contextuais dos ECF.

Considerações Finais

O objetivo do nosso artigo foi refletir acerca de experiências autoetnográficas em dança e capoeira, a fim de explicitar desafios político-pedagógicos do pensamento interseccional nessas manifestações corporais. A partir das nossas experiências autoetnográficas numa perspectiva interseccional, analisando as políticas de identidade, os aspectos pedagógicos e os contextos socioculturais, compreendemos que as estruturas de poder influenciam nas experiências, representações e subjetividades dos sujeitos que dançam e gingam, o que contribui para a produção de injustiças, (des)vantagens, restrições e iniquidades sociais.

As experiências rememoradas revelaram o exercício teórico-político de pensar dança e capoeira a partir da interseccionalidade, elemento emergente em nossas subjetividades como pesquisador e pesquisadora da educação física. Desse exercício, buscamos tensionar olhares e intervenções centralizadas em marcadores sociais de diferença de modo isolado, o que, em muitos momentos, foram materializadas em nossas pesquisas anteriores. Assim, ao reconhecermos como as identidades de gênero, raça, classe e sexualidade se entrelaçam e impactam nossas práticas culturais, intentamos criar ambientes desafiadores, atentos às complexidades das experiências corporais e identitárias. Isso nos permite avançar em direção a uma sociedade baseada na justiça social, reconhecida a partir das diferenças e das desigualdades que emergem nos distintos cenários corpóreos, como foi no caso da dança e da capoeira.

Esperamos, com esse artigo, contribuir para novos escritos atravessados pela interseccionalidade na educação física, o que corrobora para o desvelar de desigualdades e injustiças em contexto esportivos, dançantes e de ginga, por exemplo. A partir desse convite, chamamos a atenção para a necessidade de novos estudos no campo acadêmico brasileiro da Educação Física, que levem em consideração as múltiplas diferenças dos grupos sociais e suas intersecções, contribuindo assim para o desvelamento de opressões,

preconceitos e violências atravessadas por gênero, raça/etnia, sexualidade, geração, dentre outros.

Referências

ANDREWS, D. L.; SILK, M. L. Physical cultural studies on sport. In: R. Giulianotti (Ed.), **Routledge handbook of the sociology of sport**. London, UK: Routledge, 2015, p. 83-93.

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v.60, n.1, p. 46-63, 2008.

ANDREWS, D. L.; SILK, M. L. Physical cultural studies on sport. In: GIULIANOTTI, Richard (ed.). **Routledge Handbook of the Sociology of Sport** Londres: Routledge, 2015. p. 83-93.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, n.14, p. 79-95, 2003.

ARAÚJO, P. F. de; SOUZA, M. J.; MARANI, V. H. Corpo, Gênero e Capoeira: Experiências Autoetnográficas a partir dos Estudos Culturais Físicos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 25, n.1, p. 343-368, 2022.

ARAÚJO, J. Mulheres negras e culturas tradicionais: memória e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 553-569, 2019.

ARAÚJO, R. C. Elas gingam. In: PIRES, A. L. C. S. et al. (org.). **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 113-129.

ARAÚJO, R. C. Ginga: uma epistemologia feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13. 2017, Florianópolis, **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n.], 2017.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade: Feminismos plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, V. M. **Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BEZERRA, P. N. R. “**Sai sai, Catarina/ Saia do mar, venha ver Idalina**”: gênero e feminilidade(s) na capoeira. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAMÕES, L. de S. **Elas jogam, tocam e cantam: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres**. 2019. 208 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia**. 2006. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DANTAS, R. G. **Corpo-comunicação: um estudo sobre a ginga feminista angoleira**. 2020. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DA CUNHA, I. M. C. F. *et al.* Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 735-755, 2014.

FALCÃO, J. L. C. Do Brasil para o mundo: a prática corporal da capoeira na articulação de processos formais e não-formais de educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 24, p. 73-86, 2018.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 394 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERREIRA, T. J. **A capoeira sob a ótica de gênero: o papel das mulheres nos grupos de capoeira**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

FIALHO, P. J. F. **Mulheres incorrigíveis: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920)**. 2019. 301 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FIRMINO, C. R. **Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no *College de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇA, Á. L. de. **Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira**. 2021. 299f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade)- Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2021.

FRANÇA, Á. L. **Capoeira & Educação: produção do conhecimento em jogo**. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FRANÇA, Á. L. de; SANTOS, E. S. dos. Mulher, mãe e capoeira: interseccionalidades em jogo. **Revista de Humanidades e Letras**. v.1, n.1, 2022, p.5-26.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GIROUX, H. A. Breaking into the movies: Public pedagogy and the politics of film. **Policy Futures in Education**, v. 9, n. 6, p. 686- 695, 2011.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e Apicuri, 2016.

HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

HAYHURST, M.C.; CENTENO, L. del S. C. “We Are Prisoners in Our Own Homes”: Connecting the Environment, Gender-Based Violence and Sexual and Reproductive Health Rights to Sport for Development and Peace in Nicaragua. **Sustentabilidade**, v. 11, p. 1-29, 2019.

JESUS, D. S. de. **Quando mulheres se tornam capoeiristas: um estudo sobre a trajetória e protagonismo de mulheres na capoeira**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LARA, L. M.; HEROLD, C.; MIRANDA, A. C. M. de; SOUZA, V. de F. M. de. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 229-230, 2019.

MARANI, V. H. O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social. In: Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade, 1, 2019, Maringá. **Anais [...]** Maringá: Gpccl, 2019. p. 35 – 42.

MARANI, V. H. **Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?** 2021. 225f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

MARANI, V. H.; SÁ, A. B. da S.; LARA, M. L. Introdução à obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. Acta Scientiarum. **Education**, v.43, n.1, p.1-13, 2021.

MARTINS, S. E. et al. Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na Capoeira da Grande Florianópolis. **Licere**, v. 24, n. 1, p. 385-407, 2021.

MENEZES, L. de O. Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas. **Revista Espaço Acadêmico**, v.20, n.225, p.63-71, 2020.

MENEZES, L. de O.; ARAÚJO, J. Eu vou dizer a dendê, tem homem e tem mulher: uma abordagem sobre as mulheres negras na Capoeira Angola soteropolitana. In: ARAÚJO, J.; SILVA, R. de L.; FERREIRA, E. C. **Mulheres que gingam: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira**. 1ed. Curitiba: Appris, 2022. p. 269-282.

NAVARRO, V. D. Múltiplas corpoeiras: um aporte aos feminismos latino-americanos. **Mulheres que gingam: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira**. 1ed. Curitiba: Appris, 2022. p. 213- 228.

NEWMAN, J. I.; GIARDINA, M. D.; MCLEOD, C. M. Embodiment and reflexive body politics. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Londres e Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 587-596.

OLIVER, W; RISNER, D. An introduction to dance and gender. In: OLIVER, W.; RISNER, D. (Org.). **Dance and Gender: an evidence-based approach**. Gainesville: University Press of Florida, 2017. p. 1-19.

OLIVE, R. The political imperative of feminism. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Ed.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 51-60.

PACHECO, A. C. L.; NOGUEIRA, M. M. B. Mulher negra: interseccionando gênero, raça, classe, cultura e educação. **Revista FAEBA**, v. 25, n. 45, p. 89-99, 2016.

PERKOV, P L. **Capoeira: possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes populares?** 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

PINHEIRO, C. M. G. **Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher: o feminismo angoleiro e as mudanças nas tradições**. 2018. 123 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

PRINGLE, R.; THORPE, H. Theory and reflexivity. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 32-41.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.

- RISNER, D. Re-educating dance education to its homosexuality: an invitation for critical analysis and professional unification. **Research In Dance Education**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 181-187, 2002a.
- RISNER, D. Rehearsing heterosexuality: "unspoken" truths in dance education. **Dance Research Journal**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 63-78, 2002b.
- RISNER, D. Sexual orientation and male participation in dance education: revisiting the open secret. **Journal Of Dance Education**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 84-92, 2002c.
- RISNER, D. Dance, sexuality, and education today: observations for dance educators. **Journal Of Dance Education**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 5-9, 2004.
- RISNER, D. Dance and sexuality: opportunities for teaching and learning in dance education. **Journal of Dance Education**, [S. l.], v. 5, n. 2, p.41-42, 2005.
- RISNER, D. Critical social issues in dance education research. *In*: BRESLER, Liora (Ed.). **International Handbook of Research in Arts Education**. Dordrecht: Springer, 2007, p. 965-984.
- ROBERTS, J. D.; MANDIC, S.; FRYER, C. S.; BRACHMAN, M. L.; RAY, R. Between Privilege and Oppression: an intersectional analysis of active transportation experiences among washington d.c. area youth. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 16, n. 8, p. 1313, 2019.
- SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). Introduction. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 1-12.
- SILK, M. L.; MAYOH, J. Praxis. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**, Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 61-70.
- SILVA, A. B. M. **Mulheres na capoeira**: resistência dentro e fora da roda. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019.
- SILVA, E. G. dos R. **As mestras de capoeira**: empoderamento e visibilidade. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- SENA, I. T. **No ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo**: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola. 2016. 151 f. Dissertação – (Mestrado em Crítica e Cultura) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2016.
- SPRY, T. L. Performing autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative inquiry**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 706-732, dez. 2001.

SOUZA, E. G. R. da S.; DEVIDE, F. P. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14.

SOUZA, E. G. R. da S. **Capoeira regional**: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2011.

THORPE, H; BARBOUR, K.; BRUCE, T. “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 28, n. 1, p.106-134, 2011.

THORPE, H.; MARFELL, A. Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: revisiting debates and imagining new directions. **Leisure sciences**, v. 41, n.1-2, p. 17-35, 23 jan. 2019.

VERTINSKY, P.; WEEDON, G. Historicizing physical cultural studies. In: SILK, M. L.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Org.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**, Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p.15-23.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia**: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 2014.

ZIMMERMANN, T., MEDEIROS, M. M. de; BARRIZO, H. Apontamentos sobre as relações de gênero em rodas de capoeira em Amambai/MS. **Cadernos do CEOM**, v. 30, n. 46, p. 63-72, 2017.

ZONZON, C. N. Gênero, malícia e tradição. In: SIMPLÍCIO, F. POCHAT, A. **Pensando a Capoeira: Dimensões e Perspectivas**. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.